

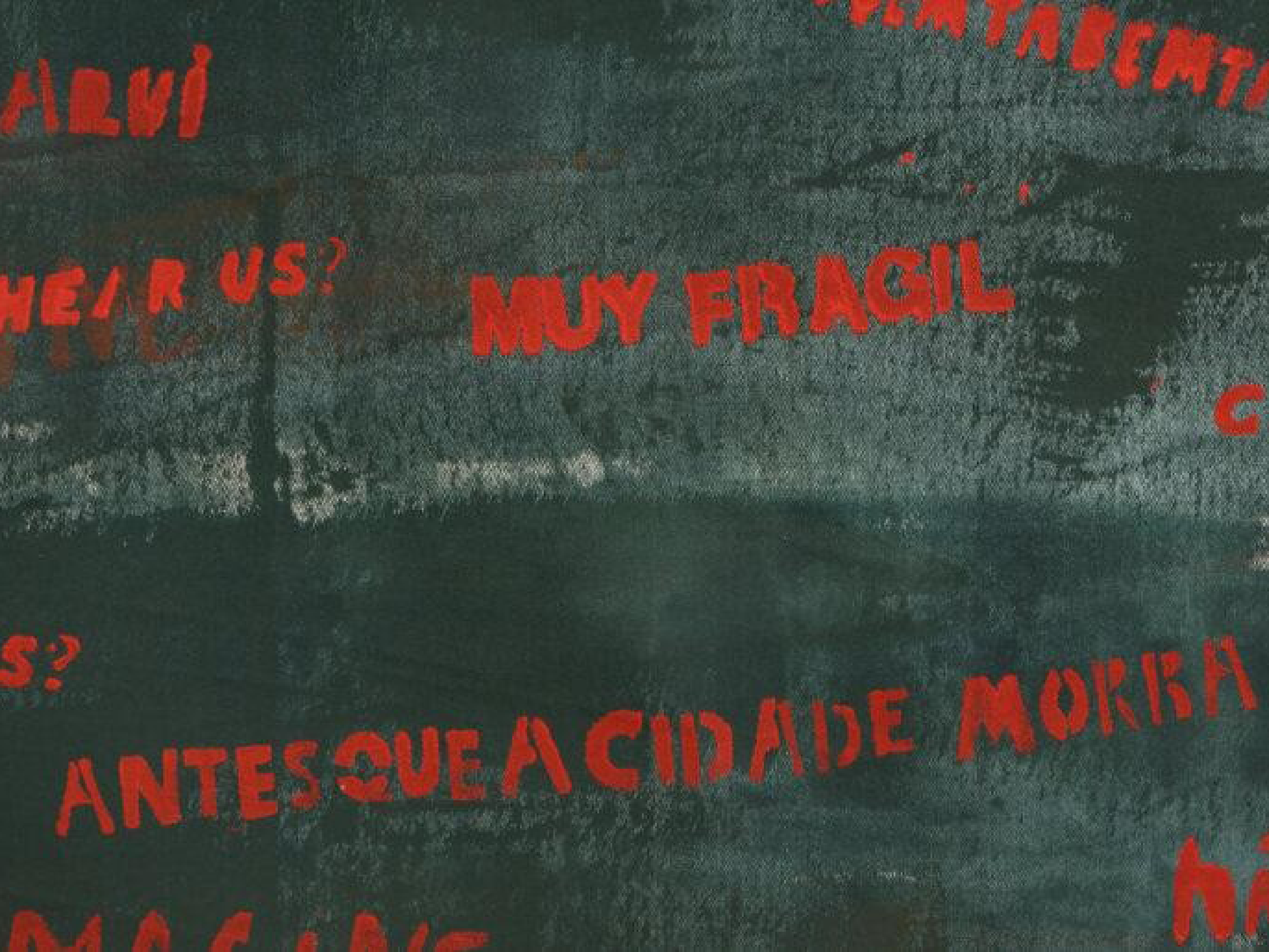


Fig. 1: Duda Gonçalves (Pelotas, RS, Brasil, 1968). Cartogravistas de águas-palavras, 2024 (detalhe). Acrílica sobre tela. 1.89 x 1.66. Foto: Daniel Moura.

EXPOSIÇÃO

ONDE SOPRA O VENTO MINUANO

NEIVA BOHNS
ABCA/RIO GRANDE DO SUL

RESUMO: Este texto trata da exposição “Pensamento Visual Contemporâneo/ 2025”, apresentada na Galeria do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS, de 18 de junho a 30 de julho. Com curadoria de Neiva Bohns, participaram do projeto seis artistas visuais: Alice Monsell, Duda Gonçalves, Helene Sacco, Kelly Wendt, Lauer e Martha Gofre.

Palavras-chave: Arte contemporânea; artes visuais; Pensamento Visual Contemporâneo/ 2025; Pelotas; Rio Grande do Sul; Brasil.

ABSTRACT: This text discusses the exhibition “Contemporary Visual Thinking/ 2025”, presented at the Gallery of the Arts Center of the Federal University of Pelotas, RS, from June 18 to July 30. Curated by Neiva Bohns, six visual artists participated in the project: Alice Monsell, Duda Gonçalves, Helene Sacco, Kelly Wendt, Lauer, and Martha Gofre.

KEYWORDS: Contemporary art; visual arts; Contemporary Visual Thinking/2025; Pelotas; Rio Grande do Sul; Brazil.

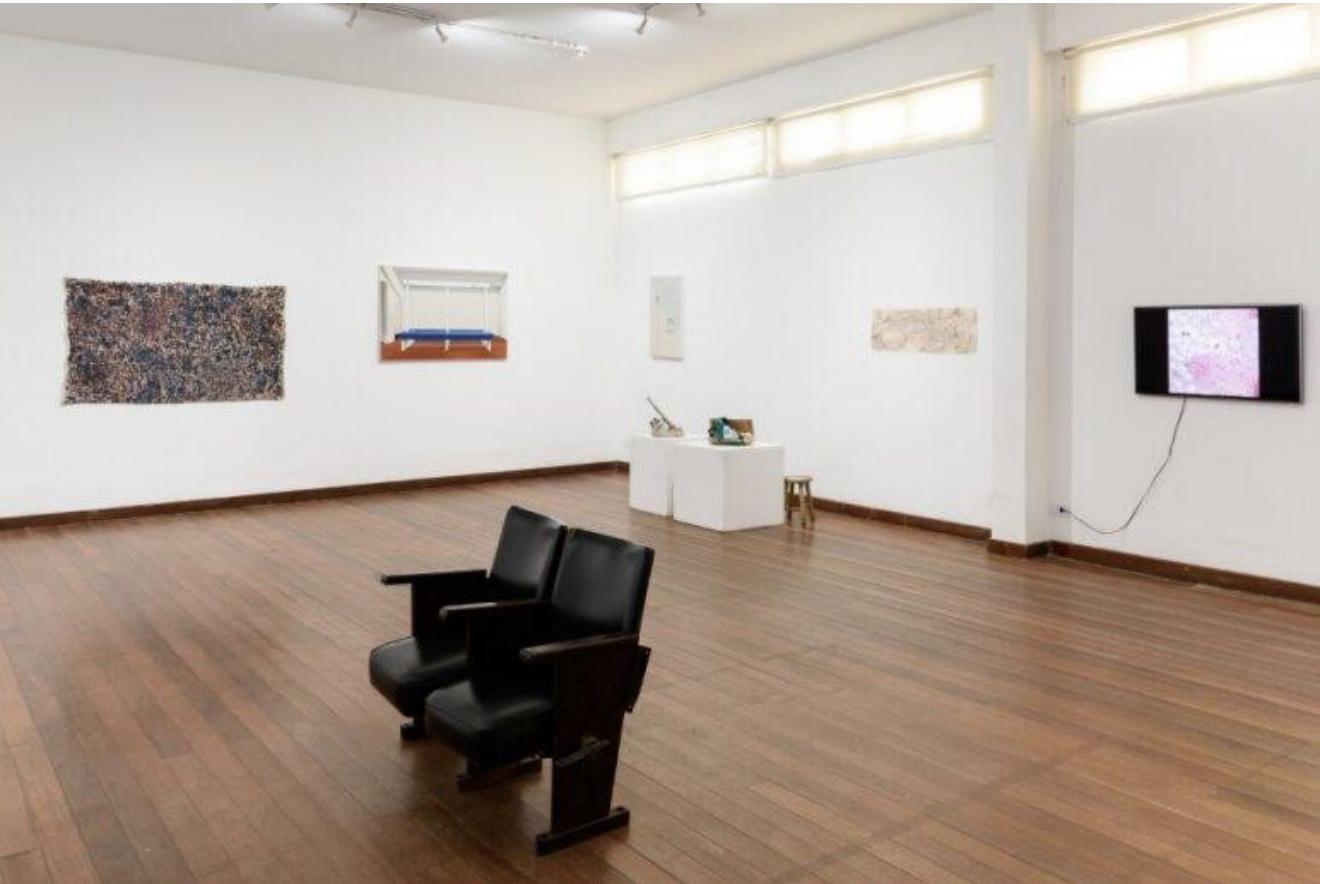


Fig. 2: Exposição “Pensamento Visual Contemporâneo/2025”, realizada na Galeria do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS. Foto: Daniel Moura.

A exposição, que teve lugar na Galeria do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, entre junho e julho do corrente ano, apresentou obras de seis artistas que, há décadas, trabalham no campo das artes visuais. Participaram do projeto Alice Monsell, Duda Gonçalves, Helene Sacco, Kelly Wendt, Lauer e Martha Gofre.

Sem qualquer sugestão temática estabelecida *a priori*, o partido curatorial adotado foi o de abrir espaço para pesquisas recentes. Nas conversas individuais, a escuta atenta foi a principal ferramenta de trabalho. Interessava-me, como curadora, investigar os caminhos percorridos por agentes culturais

muito ativos, cujas obras resultam de décadas de estudo orientado, com profundas imersões nos problemas específicos das artes visuais. Esse pequeno panorama revelou forte consciência crítica e contínua busca pelo autoconhecimento, através de um comportamento reflexivo sobre as questões mais prementes do mundo atual.

Como pudemos ver numa pintura de Duda Gonçalves, realizada no auge das inundações de maio de 2024, as graves alterações climáticas produzem catástrofes. O caos produzido pelo consumismo exacerbado, que gera acúmulo de resíduos industriais descartados de maneira irresponsável, serviu de motivação para o trabalho de Alice Monsell. A mostra também colocou em discussão a fragilidade da vida humana, nas obras de Helene Sacco, que homenageavam a mãe, num doloroso período em que a memória da progenitora se esvaía. No turbilhão da vida acadêmica, com sua burocracia impessoal, essa experiência profundamente humana sensibilizou uma grande quantidade de pessoas que visitavam a mostra.

Investigações de linguagens, como a gravura, no modo expandido, também estiveram presentes na exposição, como a obra de Kelly Wendt, que faz uso de tecnologias recentemente disponíveis. A obra, contudo, trazia à tona discussões ligadas às práticas cartográficas: o mapa antigo que serviu como base do trabalho continua sendo um documento histórico, que testemunha as estratégias de dominação dos territórios.

As pinturas feitas por Lauer também tocam em pontos nevrálgicos da sociedade contemporânea, tão afeita às confissões públicas sobre assuntos de foro íntimo. Nos dois espaços representados pictoricamente, nenhuma evidência visível sobre encontros amorosos, proibidos ou não, fica explicitada, embora sejam sugeridas. Cabe puramente à imaginação dos fruidores produzir interpretações. Já o vídeo de Martha Gofre trabalha no nível da comunicação direta das imagens, dificilmente traduzidas em palavras, numa ligação simbólica com o que poderíamos chamar de “inconsciente coletivo”. Tantos elementos esféricos movimentando-se

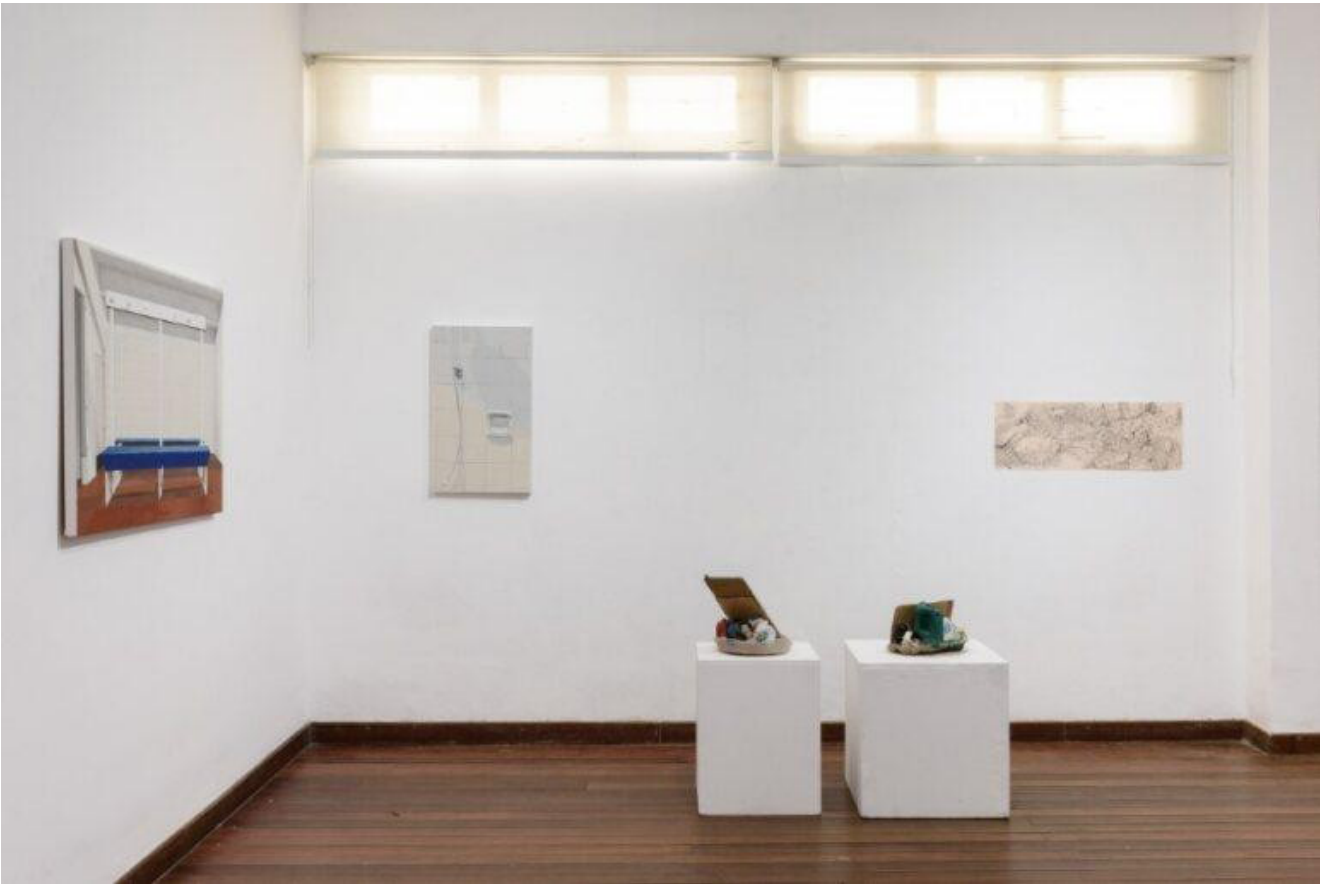


Fig. 3: Exposição “Pensamento Visual Contemporâneo/ 2025”, realizada na Galeria do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS. Foto: Daniel Moura.

diante dos nossos olhos fazem pensar sobre os nexos entre vida e morte. Acionando a consciência meditativa, que mobiliza mente e corpo, a frotagem de Duda Gonçalves, produzida na distante Patagônia, instalava-se no espaço expositivo como um portal para outras dimensões. Como sabemos há muito tempo, nem tudo que pertence

ao domínio das artes é estritamente visível.

DUDA GONÇALVES

Naquele difícil período, em maio de 2024, em que águas incontinentes reivindicaram os territórios no Sul do Brasil, Duda Gonçalves observou os volumes contaminados que avançavam,



Fig. 4: Duda Gonçalves (Pelotas, RS, Brasil, 1968). Cartogravistas de águas-palavras, 2024. Acrílica sobre tela. 1.89 x 1.66. Foto: Daniel Moura.

ameaçadoramente, às margens do Canal São Gonçalo, que margeia Pelotas. A artista, ao retornar para seu ateliê, produziu a síntese “águas-palavras”, com tinta, rolo e estêncil. Sobre uma textura que sugere o movimento das águas contaminadas, flutuam, em vermelho, frases e palavras.



Fig. 5: Duda Gonçalves (Pelotas, RS, Brasil, 1968). Cartogravistas de pedras: Comodoro. Rivadavia, km 4, Patagônia, 2024. Frotagem; tinta acrílica. 98 x 166 cm. Foto: Daniel Moura.

A pintura, que exala consciência sobre os efeitos da crise climática planetária, produzia perturbadores efeitos óticos e cinéticos, fazendo as palavras-alertas dançarem no espaço. Com uma abordagem mais tranquilizadora – e transcendental –, a obra *Cartogravistas de pedras: Comodoro*.

Rivadavia, km 4, Patagônia, da mesma artista, trazia uma frotagem com marcas de pedras milenares de uma praia do sul da Argentina. A imagem, de forte apelo visual, metamorfoseava-se em constelação, em viagem interestelar, em pele de algum animal imaginário, convidando à fruição meditativa.



Fig. 6: Alice Monsell (Orange, Nova Jérsei, EUA, 1958). Escultura híbrida: Sacola chips-corporificada, 2024. Moldagem de detritos praianos e parafina com papelão, colagem, fotomontagem e areia. 23 x 35 x 22. Escultura híbrida: Sacola corporificada 100% reciclável, 2024. Moldagem de detritos praianos e parafina com vidro, papelão, colagem, fotomontagem e areia. 30 x 33 x 34 cm. Foto: Daniel Moura.



Fig. 7: Alice Monsell (Orange, Nova Jérsei, EUA, 1958). Pantanorama, 2025. Desenho. Grafite sobre papel vergé. 33 x 96 cm. Foto: Daniel Moura.

ALICE MONSELL

Alice Monsell promove caminhadas coletivas, fazendo registros fotográficos das paisagens naturais, de coisas perdidas, e recolhendo materiais descartados. No desenho sobre papel vergé, feito a partir de

fotografias captadas durante os seus deslocamentos, Alice Monsell realiza uma rica combinação de elementos: ali estão árvores, objetos perdidos, animais mortos, materiais descartados. O resultado é uma paisagem inventada, que se origina da associação arbitrária entre fragmentos da realidade.



Fig. 8: Alice Monsell (Orange, Nova Jérsei, EUA, 1958). Escultura híbrida: Sacola corporificada 100% reciclável, 2024. Moldagem de detritos praianos e parafina com vidro, papelão, colagem, fotomontagem e areia. 30 x 33 x 34 cm. Foto: Daniel Moura.

Num processo de dessacralização das matérias inertes, ao moldar suas “esculturas híbridas” com refugos dispersos pelas praias e bosques – incluindo a parafina de velas derretidas, que já perderam a força simbólica dos rituais religiosos – **Alice Monsell** faz de seu trabalho uma silenciosa defesa de todas as formas de vida. Na operação de deslocamento e recombinação, as coisas comuns, encontradas ao acaso, deixam de ser desprezíveis. Contudo, o resultado é a antevisão apocalíptica de um planeta soterrado pelos resíduos da sociedade de consumo, mesmo quando imantada pelos interesses espirituais.



Fig. 9: Kelly Wendt (Maringá, PR, Brasil, 1980). 1777. Acrílico gravado e Led azul. 40 x 40 cm. Foto: Daniel Moura.

KELLY WENDT

Nesta mostra, **Kelly Wendt** apresentou uma imagem gravada a laser sobre acrílico translúcido, iluminada por eletroluminescência azul, através de um dispositivo de LED (diodo emissor de luz). A obra, intitulada *1777*, reproduz um mapa da mesma região onde se desenvolveu a cidade de Pelotas. No século XVIII, quando foi executada a primeira versão do mapa, estavam assinalados os valiosos mananciais de água. Já foi pântano fértil,

que nutriu centenas de milhares de existências, a galeria de arte onde a obra polissêmica se instala. De tantas reflexões que *1777* pode suscitar nos observadores, incluindo o apagamento das marcas dos povos nativos, deixo aqui uma inquietação: que incontrolláveis caminhos seguiram as águas, outrora sinônimo de vida, a ponto de, nos tempos que correm, tornarem-se ameaçadoramente mortais para um ecossistema em desequilíbrio?

LAUER

As pinturas de **Lauer**, obsessivamente minuciosas, apresentam cenas capturadas da realidade, através do recurso da fotografia, e transpostas para a linguagem do naturalismo pictórico. As imagens pintadas/fabricadas sugerem inúmeras situações ocorridas – ou que estão por ocorrer. Como as reticências que esperam pelas palavras não expressas, nada sabemos sobre os encontros fortuitos que ali tiveram existência, sobre os prazeres vividos, sobre os conteúdos inconfessáveis, e sobre os desejos reprimidos.



Fig. 10 e 11: Lauer (Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil, 1969). Vestiários-bancos, 2025. Pintura a óleo sobre tela. 80 x 130 cm. Fotos: Daniel Moura.

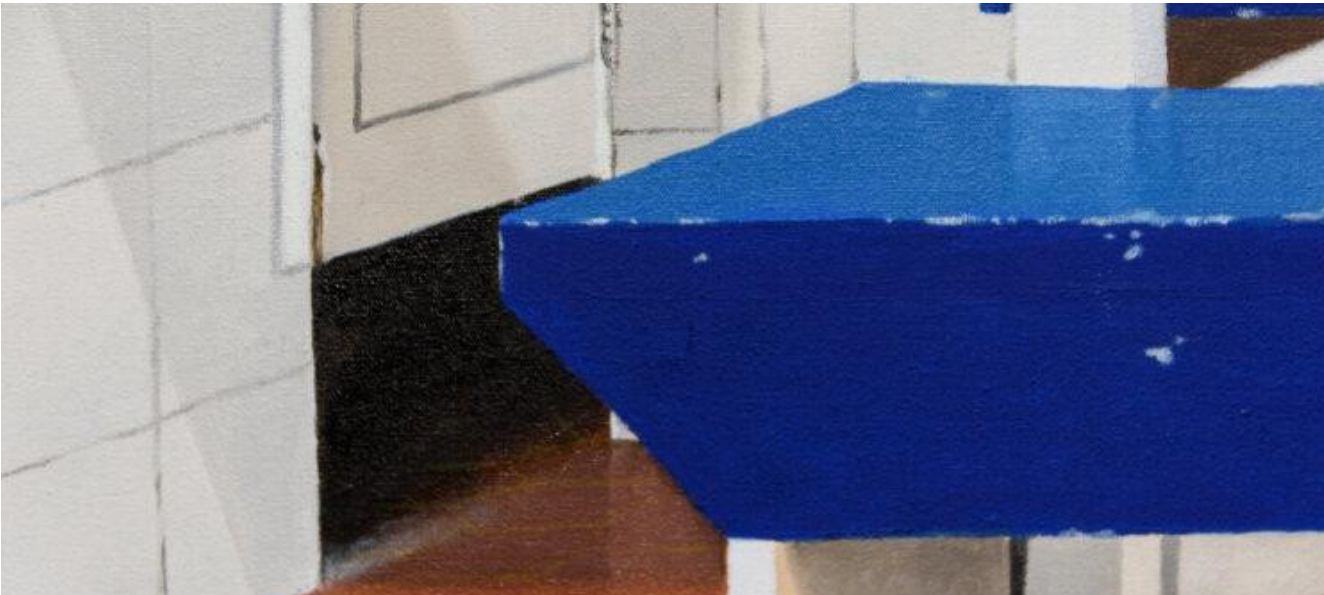




Fig. 12: Martha Gofre (Pelotas, RS, Brasil, 1973). *Via Láctea*, 2025. Vídeo; áudio. 4min6s. Foto: Daniel Moura.

MARTHA GOFRE

No vídeo de **Martha Gofre**, intitulado *Via Láctea*, pérolas de diferentes tonalidades movimentam-se dentro d’água, num recipiente de metal, produzindo uma sonoridade áspera. Uma renda de bolhas, flagrada pela câmera indiscreta, surge do movimento de duas

mãos humanas. As esferas peroladas, com suas superfícies refletoras, que absorvem o entorno, serão lavadas *ad eternum*, numa ação contínua, que não tem começo nem fim. As bolhas efêmeras ecoam o formato das pérolas, das ovas, dos óvulos, dos astros.

HELENE SACCO

Contrapondo-se ao impulso de tudo compreender, a obra *Enciclopédia para minha mãe*, de **Helene Sacco**, é feita de lapsos e incertezas. Uma pequena estante guarda caixas vazias de remédios, mostradas pelo avesso, com frases datilografadas. As mensagens, ouvidas durante vários e difíceis meses, de um ente querido esforçando-se para reconhecer sua própria história, revelam tanto a fragilidade dos mecanismos cerebrais humanos, tão fortemente vinculados à linguagem, quanto a força instintiva da vida, que persiste até o seu limite. Estamos aqui de passagem.

Pelas paredes da sala, uma segunda obra espalha-se com a organicidade de uma planta. Os poemas plástico-visuais que homenageiam a mãe, afetada pelo mal de Alzheimer, são feitos de papéis, desenhos, palavras, letras e saudades. Das palavras às sílabas, das sílabas às letras, das letras aos fonemas, tudo tende a retornar ao instante primordial, do vazio inalcançável.



A mostra “Pensamento Visual Contemporâneo/2025”, produzida no extremo sul do Brasil – onde sopra o vento Minuano –, inaugurou um projeto que deve ter continuidade nos próximos anos, seguindo o formato de mapeamento das pesquisas em curso. São os artistas que escolhem seus referenciais teóricos, seus processos criativos, e a curadoria se coloca como uma instância mediadora entre artistas, obras e público.

Como se pode perceber, é intensa a atividade numa região que, durante séculos, foi considerada periférica

em relação aos grandes centros de produção artística e cultural do Brasil. Por outro lado, o fato de ainda serem pouco conhecidos esses artistas tão experientes, em nível nacional, faz-nos refletir sobre o enclausuramento dos muros acadêmicos, com suas planilhas de pontuação da produtividade com critérios exclusivamente quantitativos, e a necessidade urgente de ampliação das trocas mais enriquecedoras com as diversas instâncias mobilizadas pelo sistema das artes, a começar pela crítica de arte.

Fig. 13 e 14: Helene Sacco (Canguçu, RS, Brasil, 1975). *Enciclopédia para minha mãe*: uma obra com 100 volumes incompletos, 2025. Objeto de madeira; caixas de remédios; textos datilografados (detalhe). 163,5 x 49 x 33 cm. Fotos: Daniel Moura.

NEIVA BOHNS

Mestre e Doutora em História, Teoria e Crítica das Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Docente e pesquisadora do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil, onde exerce o cargo de Professora Associada IV. Ministra disciplinas de arte contemporânea, arte brasileira e arte no Rio Grande do Sul. Membro do quadro docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel. Atua como crítica e curadora de Artes Visuais. Membro do CBHA (Comitê Brasileiro de História da Arte) e da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte).